

Jogos esportivos coletivos: dos princípios operacionais aos gestos técnicos - modelo pendular a partir das idéias de Claude Bayer*

Collective sporting games: from the operational principles to the technical gestures – pendulous model according to Claude Bayer’s ideas

Prof. Dr. Jocimar Daolio¹

Resumo

O presente trabalho pretende analisar a abordagem de esporte coletivo proposta por Claude Bayer (O Ensino dos Desportos Colectivos, 1994), Oliveira & Graça (organizadores do livro O Ensino dos Jogos Desportivos, 1995) e Julio Garganta (Para uma Teoria dos Jogos Desportivos Colectivos, 1995), avançando na discussão da relevância, do lugar e do tempo do ensino dos gestos técnicos específicos de cada modalidade na citada proposta. Utilizando um conceito cultural de técnica corporal, a partir do qual deve ser considerado o significado de todo e qualquer movimento no seio de uma dada sociedade, pretende-se analisar o ensino dos gestos técnicos, não somente a partir da dimensão da eficiência, mas dentro de contextos culturais específicos, considerando-se também a eficácia simbólica. Para analisar o ensino dos esportes coletivos, este trabalho propõe uma estrutura pendular, que tem na sua base os princípios operacionais e na sua extremidade os gestos técnicos específicos de cada modalidade, passando pelas regras de ação. A intenção desse modelo é mostrar que, como um pêndulo em balanço, os princípios operacionais, na sua base, realizam um movimento menor do que na sua extremidade, onde se localizam os gestos técnicos. Isso sugere que estes gestos, em função de suas especificidades tanto técnicas como culturais, são mais variáveis que os princípios operacionais, básicos para todos os esportes coletivos. Com este modelo, espera-se contribuir com essa profícua e urgente discussão iniciada por Claude Bayer, Graça & Tavares e Julio Garganta.

PALAVRAS-CHAVE: esporte coletivo, pedagogia do esporte.

Abstract

The present work intends to analyze the approach of collective sports proposed by Claude Bayer (“O Ensino dos Desportos Colectivos”, 1994), Oliveira & Graça (organizers of the book “O Ensino dos Jogos Desportivos”, 1995) and Julio Garganta (“Para uma Teoria dos Jogos Desportivos Colectivos”, 1995), advancing in the discussion of the relevancy of the place and time for the teaching of the specific technical gestures on each modality in the said proposal. Using a cultural concept of corporal technique, from which it must be considered the meaning of all and any movement within a given society, it is intended to analyze the teaching of the technical gestures, not only from the dimension of the efficiency, but also inside the specific cultural contexts, considering the symbolic effectiveness. In order to analyze the teaching of the collective sports, this work proposes a pendulous structure, that has in its base the operational principles and in its extremity the specific technical gestures of each modality, taking into consideration the action rules. The intention of this model is to show that, as a pendulum is rocking, the operational principles, in its base, make a movement smaller than in its extremity, where the technical gestures are located. This suggests that these gestures, as a function of its specificities, either technical or cultural, are more variable than the operational principles, which are basic for all the collective sports. With this model, one expects to contribute with this useful and urgent discussion initiated by Claude Bayer, Graça & Tavares and Julio Garganta.

KEYWORDS: collective sport, pedagogy of the sport.

¹ Este trabalho foi apresentado em forma de comunicação no 8º Congresso de Educação Física e Ciência do Desporto dos Países de Língua Portuguesa, realizado em dezembro de 2000, em Lisboa, Portugal.

Introdução

Um dos principais avanços na literatura sobre Esporte nos últimos anos parece ter sido a respeito do seu ensino a partir das semelhanças estruturais entre as modalidades coletivas. Talvez a principal obra a impulsionar essa discussão tenha sido “O Ensino dos Desportos Colectivos”², de Claude Bayer, publicado inicialmente na França, em 1979³. Posteriormente, alguns estudiosos portugueses avançaram nesta discussão, sobretudo na década de 1990. Uma das principais publicações em Portugal foi “O Ensino dos Jogos Desportivos”, de 1995, coletânea organizada por Amandio Graça e José de Oliveira, fruto do trabalho do Centro de Estudos dos Jogos Desportivos, da Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, da Universidade do Porto. Nessa publicação, Júlio Garganta, no primeiro capítulo, apresenta a linha defendida pelos autores do grupo, com o interessante texto “Para Uma Teoria dos Jogos Desportivos Colectivos”, o qual parte das idéias de Claude Bayer, avançando e detalhando certos aspectos da teoria. No Brasil, apenas na segunda metade dos anos 90, essas idéias começaram a ser discutidas em algumas Universidades⁴.

A Estrutura do Jogo Esportivo Coletivo

Segundo Bayer, as modalidades esportivas coletivas podem ser agrupadas em uma única categoria pelo fato de todas possuírem **seis invariantes**: uma bola (ou implemento similar), um espaço de jogo, parceiros com os quais se joga, adversários, um alvo a atacar (e, de forma complementar, um alvo a defender) e regras específicas. São essas invariantes que geram a categoria Esporte Coletivo, ou Jogo Esportivo Coletivo, e que permitem visualizar uma mesma estrutura de jogo. Possuindo estrutura comum, é possível considerar as modalidades esportivas dentro de uma mesma lógica, o que as tornam passíveis de um mesmo tratamento pedagógico para seu ensino. Esta abordagem de ensino dos esportes coletivos considera as semelhanças entre as várias modalidades, definindo seis **princípios operacionais** comuns, divididos em dois grandes grupos, um para o ataque e outro para a defesa.

Segundo Bayer, os três princípios operacionais de ataque são: conservação individual e coletiva da bola, progressão da equipe e da bola em direção ao alvo adversário e finalização da jogada, visando à obtenção de ponto. Os três princípios operacionais da defesa são: recuperação da bola, impedir o avanço da equipe contrária e da bola em direção ao próprio alvo e proteção do alvo visando impedir a finalização da equipe adversária.

A partir dos seis princípios operacionais comuns às modalidades esportivas coletivas, o autor define **regras de ação**, que se constituem nos mecanismos necessários para operacionalização dos princípios descritos. São os meios de gestão necessários para se alcançar êxito dos princípios operacionais. Por exemplo, para se obter sucesso na progressão da bola e da equipe em direção ao alvo adversário, são necessárias algumas ações individuais e coletivas, tais como, criar linhas de passe, colocação individual em espaços onde a bola poderá chegar, desmarcação em relação aos jogadores adversários, entre outras.

Esta proposta de compreensão e de atuação em relação ao Esporte Coletivo parte da crítica à abordagem tradicional, que sempre enfatizou a técnica como o centro das atenções de toda pedagogia esportiva. Nessa concepção, praticar uma modalidade esportiva com qualidade implicava possuir pleno domínio da dimensão gestual. Da mesma forma, uma modalidade esportiva, como o Basquetebol, por exemplo, resumia-se na somatória dos fundamentos, como drible, passe, bandeja, arremesso, etc. Se o professor conseguisse transmitir aos alunos os chamados elementos do Basquetebol, devidamente separados, a aprendizagem estaria garantida e seria esperado do aluno a junção coerente e qualitativa dos elementos técnicos numa situação de jogo. Além disso, a concepção de técnica presente na concepção tradicional era limitada, porque contemplava somente a dimensão instrumental, como se o corpo fosse o executor eficiente de uma ação antecipadamente prevista pela mente.

Esta nova forma de conceber o ensino do Esporte Coletivo, iniciada por Claude Bayer e ampliada pelos autores portugueses, rediscute a técnica, aliada à discussão da tática. Assim, a técnica seria o “modo de fazer” e a tática, “as razões do fazer” e, obviamente, uma não existiria sem a outra. O que justifica o “fazer técnico” é sua utilidade e seu objetivo no curso de um jogo. Por outro lado, são as intenções individuais e coletivas que ocorrem durante o jogo que demandam certos procedimentos técnicos. Dessa forma, surgem nesta nova proposta, os conceitos de tática individual e tática coletiva, ações coordenadas entre o indivíduo e o grupo, no sentido de uma prática de jogo qualitativamente melhor, tanto por parte da equipe como por parte do indivíduo.

É nesse sentido que Júlio Garganta frisa duas competências básicas para a aprendizagem e prática do Esporte Coletivo: a inteligência, vista como a capacidade de adaptar-se a situações dinâmicas que acontecem no jogo a fim de resolver os constantes problemas que surgem, e a cooperação, vista como a necessidade do praticante de Esporte Coletivo combinar suas ações com os objetivos do grupo. Nesse sentido, jogar bem não seria apenas executar de forma eficiente um conjunto de técnicas, mas, além disso, contribuir de forma cooperativa e inteligente para o sucesso do empreendimento coletivo.

Dentre as vantagens advindas dessa abordagem de Pedagogia do Esporte pode-se citar a formação de alunos, além de inteligentes e cooperativos, autônomos, que saberão, primeiramente, escolher a prática esportiva em seus momentos de lazer ao longo de sua vida; em segundo lugar, alunos que terão condições de participar ativamente de várias modalidades da chamada cultura esportiva, pois serão conhecedores dos princípios operacionais do Esporte Coletivo.

¹ Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Caixa Postal 6134 – Campinas, SP – CEP: 13093-970. E-mail: jocimar@fef.unicamp.br

² No francês, “L’enseignement des jeux sportifs collectifs”.

³ Em Portugal, a tradução data de 1994 (Dinalivro). Não houve edição no Brasil.

⁴ No Brasil, dois textos discutiram recentemente essas idéias. São eles: “O ensino dos esportes coletivos”, de 1997 e “O ensino dos esportes coletivos: contribuições de Claude Bayer”, de 1998, ambos produções do Grupo de Estudo e Pesquisa por mim coordenado na Faculdade de Educação Física da UNICAMP.

Obviamente, um aluno poderá ser mais habilidoso que outro, ou o mesmo aluno ser mais habilidoso em uma modalidade que em outra. Isso dependerá do tempo de prática, da opção do próprio aluno em praticar uma modalidade mais que outra, das oportunidades que terá para praticar, ou mesmo dos significados culturais que seu grupo atribuirá a uma certa modalidade. Mas o importante é que o acesso à cultura do Esporte Coletivo estará assegurado a todos os alunos, independente de sua idade, de sua condição atlética ou de suas habilidades esportivas. Hoje, podemos presenciar o fato de apenas os alunos mais habilidosos apreciarem o esporte, enquanto muitos ficam alijados da oportunidade de prática, por se sentirem despreparados ou inábeis, passando a detestar qualquer atividade lúdico-esportiva ao longo de sua vida, reproduzindo isso com seus filhos.

Com a abordagem de técnica (o como fazer) aliada à tática (as razões do fazer), a especialização do gesto técnico de uma determinada modalidade esportiva acaba sendo retardada em nome da garantia da aquisição, por parte do aluno, dos princípios operacionais e das regras de ação das modalidades coletivas. Não se trata de secundarizar as formas eficientes de execução esportiva, mas de colocá-la no tempo correto da aprendizagem, a fim de se evitar, ou o abandono precoce de qualquer forma esportiva devido a frustrações, ou à especialização também precoce de uma única forma, fato tão nefasto quanto o anterior. Os efeitos danosos, frutos da especialização esportiva precoce, têm sido registrados por vários autores⁵. Já se conhecem também pesquisas que apontam atletas de alto rendimento, bem sucedidos que tiveram em sua história de vida experiências motoras amplas antes de se especializarem em uma modalidade⁶.

Outra vantagem da abordagem do Esporte Coletivo a partir das semelhanças estruturais das modalidades é a consideração dinâmica e seqüencial ao longo de todo o processo. Abordam-se as fases de aprendizagem do Esporte Coletivo a partir da compreensão que os alunos vão adquirindo em relação ao jogo e não, como tem sido comum no ensino do Esporte, a partir das faixas etárias. Da forma tradicional, seriam as fases de desenvolvimento cognitivo, motor e afetivo esperadas de cada idade que dariam as bases para o ensino do Esporte Coletivo. Ora, pensar a partir das fases de desenvolvimento implica, inicialmente, aceitar que todas as pessoas, em qualquer parte do mundo, passam pelas mesmas fases nas mesmas épocas, o que é, no mínimo, duvidoso. Em segundo lugar, sugere-se que o ensino do Esporte Coletivo só é possível para crianças que estão dentro das fases de desenvolvimento aceitas teoricamente. E os adultos, os idosos, as pessoas portadoras de qualquer deficiência ou atraso de desenvolvimento, ou aquelas em que o meio as estimulou de forma diferente, ou ainda aquelas que foram estimuladas em uma modalidade mais que em outra?

Júlio Garganta, em seu texto acima citado, a partir de três categorias relativas à dinâmica do jogo esportivo coletivo - comunicação na ação, estruturação do espaço e

relação com a bola - apresenta uma classificação das fases de aprendizagem, não considerando as faixas etárias, mas a forma como um determinado grupo, seja ele infantil, juvenil ou adulto, relaciona-se com essas três dimensões. Assim, tem-se inicialmente o jogo anárquico no qual há uma concentração na bola e a compreensão geral do jogo ainda é restrita, chegando até o jogo elaborado em que as ações individuais convergem para uma estratégia de equipe, passando pelo jogo descentrado e pelo jogo estruturado, respectivamente.

A dimensão técnica, nesta abordagem de ensino do Esporte Coletivo, obviamente é considerada, mas entendendo que ela não garante, necessariamente, o acesso a um jogar inteligente, uma vez que jogar bem implica compreender a lógica estrutural do Esporte Coletivo. Júlio Garganta afirma:

(...) o jogo é uma unidade e, como tal, o domínio das diferentes técnicas (passe, condução, remate, etc.) embora se constitua como um instrumento sem o qual é muito difícil jogar e impossível jogar bem, não permite necessariamente o acesso ao bom jogo. (1995, p.21)

A Dimensão Técnica: entre a eficiência e a eficácia simbólica

Num trabalho mais recente⁷, Júlio Garganta apresenta, ainda que rapidamente, a consideração da dimensão cultural na discussão da técnica no ensino do Esporte Coletivo, a partir das idéias do antropólogo francês Marcel Mauss, mostrando que essa dimensão apresenta forte componente cultural. Marcel Mauss, num clássico texto sobre as Técnicas Corporais⁸, afirmava que todo gesto corporal constitui-se em técnica, uma vez que é dotado de tradição e eficácia, equiparando as técnicas corporais às demais técnicas humanas, como as técnicas de cozimento de alimentos, técnicas de plantio, técnicas de adorno, etc. Segundo ele, o homem cria, ao longo de sua existência e em função de seu contexto cultural, certos costumes, que vão se tornando tradicionais, sendo transmitidos de geração a geração. Esses procedimentos vão se tornando tradicionais justamente porque são dotados de eficácia simbólica, ou seja, respondem a certas demandas da sociedade onde estão, adotando significados importantes para o grupo local.

A área de Educação Física e Esportes, tradicionalmente, sempre considerou a dimensão técnica de maneira exclusivamente instrumental. As obras específicas da área nada mais fazem do que coletar um conjunto de movimentos considerados eficientes e perfeitos para as finalidades de determinada modalidade esportiva e dividi-los em estágios de uma seqüência pedagógica para o seu ensino. Assim, uma única maneira de executar um movimento esportivo torna-se o padrão de correção, e todas as outras formas são tidas como errôneas, incompletas ou variantes menos desejáveis da técnica

⁵ Ver a esse respeito KUNZ, Elenor, "Transformação didático-pedagógica do esporte", 1994.

⁶ Ver a esse respeito PAES, Roberto Rodrigues, "Aprendizagem e competição precoce: o caso do basquetebol", 1992.

⁷ GARGANTA, Júlio, "O ensino dos jogos desportivos colectivos: perspectivas e tendências, 1998.

⁸ MAUSS, Marcel, "As técnicas corporais", 1974..

considerada perfeita⁹. Um gesto técnico passou a ser aquele movimento eficiente, seja em termos biomecânicos, fisiológicos ou esportivos. Fazendo isso, a área de Educação Física e Esportes acabou por privilegiar certos alunos que já sabiam executar os movimentos tidos como eficientes, subjulgando aqueles que apresentavam outras formas de expressão, fruto de outras experiências, valores diferentes e interesses específicos.

O gesto esportivo oriundo dos movimentos dos atletas de alto rendimento, constitui-se, sem dúvida, em técnica, aliás, das mais eficientes e, plasticamente, das mais belas. Mas não pode ser tomado como a técnica modelar, a ser ensinada imediatamente a todos os alunos. Primeiramente, por se tratar de movimentos mais elaborados, demandando grande tempo de treinamento para sua perfeita manifestação; em segundo lugar, porque os alunos, culturalmente situados, podem possuir outros interesses de movimento, que levem a outras demandas em termos de execução.

Considerando a abordagem de esporte coletivo proposta por Claude Bayer, Júlio Garganta e demais autores portugueses, este trabalho procura avançar na discussão da relevância, do lugar e do tempo do ensino dos gestos técnicos específicos de cada modalidade na citada proposta. Utilizando um conceito cultural de técnica corporal, a partir do qual deve ser considerado o significado de todo e qualquer movimento no seio de uma dada sociedade, pretende-se analisar o ensino dos gestos técnicos, não somente a partir da dimensão da eficiência, mas dentro de contextos culturais específicos, considerando-se também a eficácia simbólica inerente a toda ação humana. Aliás, é justamente essa característica que separa o Homem dos outros animais. Enquanto esses últimos apenas reproduzem movimentos, podendo até realizá-los com certa eficiência, os humanos, além da busca da perfeição, continuamente atribuem significados culturais às suas ações, variando as formas de execução, transformando-as, criticando-as e executando-as com objetivos os mais variados possíveis¹⁰.

Não se pretende, nessa discussão, opor os conceitos de eficiência e eficácia simbólica, como se fossem excludentes, mesmo porque o movimento biomecanicamente eficiente é dotado, inegavelmente, de significados culturais. Isso se torna mais efetivo atualmente, devido ao grande poder da mídia esportiva que reverbera mundialmente as atuações de atletas de alto rendimento. O professor não pode estar imune aos apelos da mídia, mas também não deve a ela se render, como se todos os seus alunos devessem, obrigatoriamente, executar aqueles mesmos movimentos.

Qualquer professor que já tenha atuado com grupos diferentes, em bairros ou cidades diferentes, já percebeu que o mesmo conteúdo esportivo insere-se de formas próprias em contextos diversos, adquirindo um

caminho pedagógico específico que lhe dá sentido naquele contexto. Os interesses do grupo em questão podem ser diferentes, as experiências esportivas serem outras, os significados atribuídos àquela modalidade serem outros, e os objetivos, obviamente, serem variados. Cabe ao professor atento e compromissado fazer a mediação entre o conhecimento esportivo a ser trabalhado com o grupo em questão e seus interesses, experiências e demandas culturalmente determinados.

O modelo pendular

Para analisar o ensino dos esportes coletivos, considerando a dimensão simbólica inerente às ações humanas – objetivo deste trabalho – este estudo propõe uma estrutura pendular, que tem na sua base os princípios operacionais e na sua extremidade os gestos técnicos específicos de cada modalidade, passando pelas regras de ação (Fig. 1). A intenção desse modelo é mostrar que, como um pêndulo em balanço, os princípios operacionais, na sua base, realizam um movimento menor do que na sua extremidade, onde se localizam os gestos técnicos. Em outras palavras, os mesmos princípios operacionais do Esporte Coletivo, definidos por Claude Bayer, serão necessários para a compreensão e prática das várias modalidades esportivas por parte do aluno, devendo ser enfatizados, ainda que de forma não exclusiva, nos primeiros momentos do processo de ensino-aprendizagem.

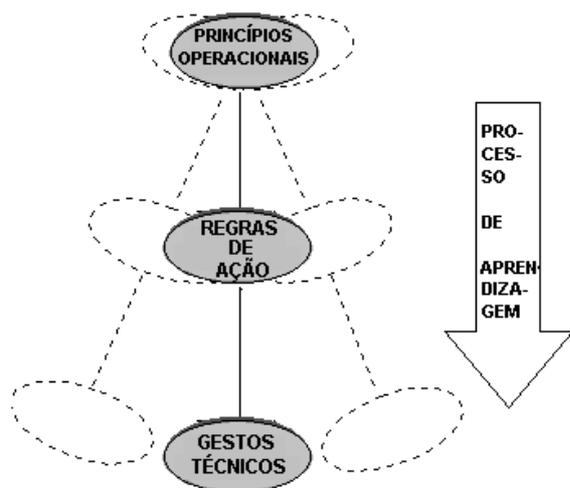
Na região intermediária do pêndulo, encontram-se as regras de ação, definidas por Bayer como os mecanismos de gestão necessários para a realização dos princípios operacionais. Nesse momento, começa a haver a tipificação da categoria Esporte Coletivo nas suas várias modalidades, mas a ênfase ainda não está na execução gestual da técnica, mas nas suas formas gerais de resolução dos vários problemas que o jogo esportivo coletivo coloca aos praticantes, tanto individual como coletivamente.

Finalmente, na extremidade do pêndulo, encontramos os gestos técnicos tipificados por modalidades esportivas. Com o pêndulo em balanço, os gestos técnicos apresentam um movimento maior que as regras de ação que, por sua vez, se movimentam mais que os princípios operacionais, que, por serem comuns e básicos às modalidades esportivas coletivas, praticamente não se movem. Isso sugere que os gestos técnicos, em função de suas especificidades tanto técnicas – devido às variações entre as modalidades esportivas coletivas – como culturais – devido aos significados atribuídos por grupo a cada modalidade específica – são mais variáveis. Sendo mais variáveis e fazendo parte de uma estrutura do Esporte Coletivo, devem ser enfatizados, posteriormente, no processo pedagógico de ensino, como indica a seta à direita do pêndulo.

⁹ Discuti a dimensão da técnica na Educação Física escolar no livro “Da cultura do corpo”, de 1995, e na coletânea “Cultura: educação física e futebol”, de 1997.

¹⁰ GEERTZ, Clifford, “A interpretação das culturas”, 1989.

O ENSINO DO ESPORTE COLETIVO MODELO PENDULAR



DAOLIO, 2000
(BASEADO EM CONCEITOS
DE BAYER, 1979)

É importante destacar que a dimensão técnica no ensino do Esporte Coletivo estará presente durante todo o processo de ensino-aprendizagem. Afinal, como diria Marcel Mauss, qualquer gesto constitui-se numa técnica corporal, por possuir uma tradição e ser passível de significações num grupo específico. Por exemplo, quando um aluno arremessa uma bola à cesta do Basquetebol com as duas mãos, ou quando recebe uma bola no Voleibol com um soco, este aluno está executando uma ação inteligente com os meios técnicos que lhe são possíveis naquele momento da aprendizagem e os com os significados culturais que lhe são próprios no seu contexto. Há que se garantir que ele esteja compreendendo sua ação, tanto individual como coletivamente e esteja motivado para continuamente poder transformá-la. Por meio do modelo pendular, ora apresentado, pretende-se mostrar a necessária ênfase, ao longo do processo de aprendizagem, em cada aspecto do Esporte Coletivo. Inicialmente, nos princípios operacionais; posteriormente, nas regras de ação; e, finalmente, na execução dos gestos técnicos.

Conclusões

Este trabalho reconhece os importantes avanços trazidos ao ensino do Esporte Coletivo a partir das pesquisas de Claude Bayer, Júlio Garganta e demais autores portugueses, esperando contribuir com essa profícua e urgente discussão. Para isso propôs o Modelo Pendular para o ensino do Esporte Coletivo, estrutura que apresenta visualmente o processo de ensino, com as ênfases necessárias, ao longo do processo, nos princípios operacionais, nas regras de ação e nos gestos técnicos. Este modelo procura também avançar na discussão da dimensão simbólica da técnica esportiva, tradicionalmente refém de abordagens biológicas ou biomecânicas ou, ainda, conseqüentes do modelo esportivo de alto rendimento.

Ainda que se tenha consciência de que essa discussão no ensino do Esporte Coletivo ainda é incipiente, espera-se com esse modelo, ter avançado, estimulando novos estudos por parte de pesquisadores de todo o mundo.

Referências Bibliográficas

1. BAYER, C. *O ensino dos deportes colectivos*. Lisboa, Dinalivro, 1994.
2. DAOLIO, J. *Da cultura do corpo*. Campinas, Papirus, 1995.
3. DAOLIO, J. *Cultura: educação física e futebol*. Campinas, UNICAMP, 1997.
4. GARGANTA, J. Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos. In: A. Graça & J. Oliveira (Eds.). *O ensino dos jogos desportivos*. 2ed. Porto, Universidade do Porto, 1995.
5. GARGANTA DA SILVA, J. M. O ensino dos jogos desportivos colectivos: perspectivas e tendências. *Movimento*. 1998; 4 (8): 19-27.
6. GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1989.
7. GRUPO DE ESTUDOS SOBRE PEDAGOGIA DO MOVIMENTO. O ensino dos esportes coletivos. In: *Anais do X Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte*, Goiânia, Vol. II. 1997: 669-672.
8. GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA EDUCAÇÃO FÍSICA E CULTURA. O ensino dos esportes coletivos: contribuições de Claude Bayer. In: *Anais do I Congresso Latino Americano de Educação Motora e II Congresso Brasileiro de Educação Motora*, Foz do Iguaçu. 1998: 332-338.
9. KUNZ, E. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí, Unijuí, 1994.
10. MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo, EPU/Edusp, 2v, 1974.
11. GRAÇA, A. & OLIVEIRA, J. (Eds.). *O ensino dos jogos desportivos*. 2ed. Porto, Universidade do Porto, 1995.
12. PAES, R. R. *Aprendizagem e competição precoce: o caso do basquetebol*. Campinas, UNICAMP, 1992.